

## IRIS MURDOCH, FILÓSOFA E ROMANCISTA

*Maria Luísa Ribeiro Ferreira*

**Resumo** Este artigo quer mostrar alguns aspectos da vida e da obra de Iris Murdoch, cuja obra literária é mais divulgada do que a filosófica. A autora desenvolveu os dois tipos de discurso, mas considera que há entre os dois uma linha de demarcação que os separa, opondo ao rigor e densidade da filosofia a ambiguidade e a mistificação da literatura. Enquanto filósofa, Iris Murdoch tem uma filiação platónica, recuperando os ideais de bondade e de beleza. O belo e o bem identificam-se; a arte e a estética cruzam-se. Enquanto escritora, Iris Murdoch aborda os mesmos temas, dando particular relevo ao amor, à atenção ao outro e à contemplação da natureza.

**Palavras-chave** Filosofia, literatura, escritor, filósofo, platonismo, beleza, bondade, ética, atenção, amor.

De 1998 a 2003 coordenei um projecto de investigação no Centro de Filosofia da UL (projecto POCTI) intitulado *Uma Filosofia no Feminino*. Como o nome indica, o objectivo central pretendia dar relevo à presença da mulher no âmbito da filosofia. Fê-lo essencialmente em três frentes que constituíram as suas linhas orientadoras. Numa primeira pretendeu-se tornar explícito o modo como os filósofos ocidentais pensaram a mulher, que conceito tiveram da natureza feminina e até que ponto esse conceito foi consistente com os sistemas globais que construíram.

Numa segunda vertente tentou-se chamar para o terreno da filosofia certas temáticas que habitualmente são sujeitas a abordagens não filosóficas, ou seja, procurou-se perspectivar num contexto ontológico, antropológico, epistemológico e ético, problemas "clássicos" dos *Women Studies* como são os de sexo/género/ser/natureza / igualdade/ diferença, etc. etc.

A terceira linha investigativa visou a divulgação de textos de filósofas, mostrando que elas realmente existiram e que a sua produção se revestiu de variadas formas, desde a carta ao romance, desde o ensaio ao tratado. Não só nos interessou publicitar textos que explicitamente falassem da condição feminina, mas também, e sobretudo, tornar acessíveis ao grande público textos filosóficos escritos por mulheres.

O presente artigo insere-se nessa linha. E dado que este número da *ex aequo* se debruça sobre filosofia e literatura, pensámos que Iris Murdoch, filósofa e romancista, melhor do que ninguém ilustraria a temática em causa.

### Iris Murdoch, desconhecida entre nós?

Iris Murdoch (1919-1999) foi uma escritora de renome. Da sua obra constam ensaios de filosofia, peças de teatro, um volume de poesia e romances, muitos romances. Com eles ganhou alguns prémios literários de renome como o Booker Prize, o Withbread Prize e outros. No entanto, se falarmos com o leitor português, mesmo dotado de alguma cultura literária, é raro encontrarmos quem a conheça ou quem a tenha lido. É verdade que depois do filme *Iris*<sup>1</sup>, com a notável interpretação de Judi Dench e de John Broadbent nos papéis da romancista e do seu marido enquanto velhos (Kate Winslet encarna a autora na sua juventude exuberante), o nome da escritora começou a ser divulgado. Mas mais do que pela sua prosa, penso que o público ficou interessado pelo caso humano que o filme relata — uma escritora e filósofa, intelectualmente brilhante, é atacada pela doença de Alzheimer e progressivamente vai perdendo a sua ligação aos conceitos, às palavras e à vida. O filme em questão, seguindo fielmente o livro de memórias de John Bailey, marido de Iris<sup>2</sup>, traça-nos o retrato pungente de uma mulher, habitada “pelos demónios do Dr. A.”, ao mesmo tempo que nos lembra em *flash back*, cenas da sua vida passada. É uma homenagem de amor prestada no fim da vida, a alguém que a perdeu antes de morrer. Por defeitos que o filme tenha, nomeadamente a pouca informação que nos dá sobre Iris escritora e filósofa, ninguém que o viu terá ficado insensível à ternura que ao longo dele perpassa. Na verdade é tocante a relação de solidariedade e de amor neste casal de velhos que teima em manter-se unido em situações extremamente difíceis de isolamento e de abandono. São comoventes a coragem e a determinação de Bailey que até ao fim acompanha Iris, cuidando dela como se fosse uma criança. “Somos esquisitos”, é a resposta dada ao médico de família, quando este lhe propõe ajuda e o alerta para as dificuldades com que se defrontará se quiser tratar sozinho da mulher. Já fortemente perturbada pela doença mas num dos seus momentos fugazes de lucidez, Iris revela o seu pavor: “sinto-me como se estivesse a navegar em direcção à escuridão”. Mas essa noite em que mergulhou nos últimos anos, é uma parte mínima, embora dramática, de uma vida orientada pela clareza do raciocínio e pelo domínio das palavras.

Sintetizando alguma informação que nos permita situar a autora, diremos que (Jean) Iris Murdoch nasceu em Dublin, de pais anglo-irlandeses. Fez estudos secundários em Badminton e Bristol, licenciando-se em Oxford onde estudou os clássicos, história antiga e filosofia. Fez uma pós-graduação em filosofia, com Ludwig Wittgenstein. Foi filiada no Partido Comunista do qual saiu por dissidências ideológicas, ao fim de poucos anos. Se exceptuarmos o período durante a guerra,

1 Realizado por Richard Eyre em 2001.

2 John Bailey, *Elegy for Iris*, 1998. A este livro, escrito ainda durante a vida da escritora, seguiram-se outras obras sobre ela, já depois da sua morte. Destacamos: John Bailey, *Iris and the Friends*, 1999; Peter Conradi, *Iris Murdoch: A Life*, 2001; A. N. Wilson, *Iris Murdoch as I knew Her*, 2003. Os dois livros de Bailey foram posteriormente editados num só volume, *Iris and Iris & the Friends*, Londres, Duckworth, 1999. Citaremos a partir desta edição.

em que trabalhou em organismos do governo e nas Nações Unidas, toda a sua carreira se fez num contexto universitário. Durante anos (1948-63) leccionou em Oxford, onde foi eleita “fellow” em St. Anne’s College. Entre 1963-67 foi conferencista no Royal College of Art.

Se compararmos a sua produção filosófica e literária, vemos que a primeira é escassa relativamente à segunda: seis obras de cariz filosófico sendo algumas delas recolhidas de ensaios e conferências; vinte e seis romances, cinco peças de teatro, um livro de poemas. É um contraste que confirma uma vida dedicada à literatura, na qual, no entanto, os escritos filosóficos, embora em menor número, não ficam atrás em qualidade. Com eles verificamos que esta ensaísta, embora profundamente mergulhada nas correntes dominantes do seu tempo e do seu país, não se deixou dominar por elas e ousou, à maneira kantiana, pensar por si mesma.

Em 1956 Iris Murdoch casou com John Bailey, professor universitário e crítico de literatura. O retrato mais interessante desta autora é traçado por Bailey, nas duas obras (já mencionadas) que sobre ela escreveu. A primeira, centra-se no período da doença, cujos primeiros sintomas apareceram em 1995. É um relato impressionante da convivência diária com uma pessoa que, como diz Bailey, se transformou numa adorável criança de três anos. J. B. nunca cai no sentimentalismo piegas, não oculta os aspectos difíceis dessa relação, nem os menos edificantes da convivência de ambos. Iris tem que ser lavada, vestida, forçada aos rituais de higiene e Bailey muitas vezes se impacienta e irrita, a ponto de sacudir a mulher ou de gritar com ela. Mas ao longo da descrição pormenorizada desta recta final (a autora morreu em 1999) Iris é relembada nos episódios marcantes da sua vida amorosa, académica e cultural. O olhar dominante é de amor, diria mesmo de veneração. Com a humildade dos grandes espíritos, Bailey coloca-se como figura de segundo plano, comprazendo-se e reconhecendo-se nos sucessos literários de sua mulher: “Ela era um ser superior e eu sabia que os seres superiores não têm o mesmo tipo de intelecto que eu tenho” (Bailey, 1999: 19). Quando a situação parece de total ruptura e a vida a dois se afigura insustentável, há um recurso permanente à memória, como se o reviver dos tempos passados esconjurasse o horror de um quotidiano implacável onde não é possível vislumbrar dias melhores. É assim que, pela mão de Bailey, vamos conhecendo a mulher Iris, numa alternância de episódios presentes e passados, grotescos e gloriosos. São inúmeras as cenas que retratam uma mulher física e psiquicamente marcada pela doença, alguém que constantemente pergunta, “para onde vamos?” e cuja distração máxima é ver o programa dos *Teletubies* na televisão. Mas igualmente numerosos são os episódios que nos permitem reconstituir a vitalidade da jovem professora de Oxford, no entusiasmo contagiante com que fala, pensa e escreve. A atracção pelas palavras, o rigor da expressão, a contundência dos argumentos, tornam tanto mais terrível a situação de quem acaba a sua vida repetindo monocordicamente as mesmas frases e interrogações.

### Filosofia e literatura: a desejável delimitação de fronteiras

Embora a autora se tenha dedicado à escrita filosófica e literária, não se pode dizer que se situa entre a filosofia e a literatura. De facto Iris Murdoch preocupa-se em definir fronteiras e evita misturar géneros, que para ela correspondem a estilos e a abordagens diferentes. Qualquer dúvida a este respeito encontra resposta na entrevista concedida a Bryan Magee, precisamente sobre filosofia e literatura (Magee, 1989: 229-250). Nela se traçam dois domínios que obedecem a exigências diferentes — a transparência, para a filosofia e a opacidade para a literatura. “ Não perdoamos à filosofia ” (Magee, 1989: 230), diz-nos a autora quando se refere à necessidade de rigor e de clareza que devemos exigir aos textos filosóficos. Se a arte não deixa de o ser quando é má, uma filosofia que não cumpra os requisitos mencionados não pode classificar-se como filosofia. O escritor abre um espaço para o leitor brincar, o filósofo não deve fazê-lo pois a sua argumentação deve ser sem hiatos, sem falhas nem espaços vazios. Na escrita filosófica há uma especial dureza e uma deliberada não ambiguidade. A densidade e objectividade do discurso filosófico decorrem de duas das suas principais finalidades — a clarificação das ideias e a univocidade dos conceitos. O que exige um afastamento disciplinado da equação pessoal. O estilo filosófico ideal é de certo modo austero e cândido.

A literatura é mistificadora. Enquanto arte que é joga com forças inconscientes e altamente perigosas pelo potencial erótico que encerram. (Magee, 1989: 231). Consegue ir mais fundo do que a filosofia porque tem a ver com mistérios e lutas profundas entre o bem e o mal (Magee, 1989: 243). O campo do escritor é por isso muito mais vasto do que o do filósofo. Sendo uma forma de arte que lida com palavras, imiscui-se num grande número de actividades que nem sempre pretendem ser literárias — é o caso do jornalismo ou mesmo de certos textos académicos.

Todos nós, de certo modo, vivemos numa atmosfera literária, na medida em que usamos palavras mas o filósofo é alguém altamente especializado que se ocupa com a resolução de problemas complexos. O seu campo é mais restrito, apresentando grandes semelhanças com o modelo científico, embora não se deva dominar por ele. No ensaio “The Idea of Perfection” (Murdoch, 1999: 27) a autora pretende libertar a filosofia, e particularmente a moral, da alçada da ciência, considerando que a primeira se debruça sobre a natureza humana e que deve fazê-lo de um modo autónomo, sem servilismos pseudo-científicos.

“ É mais divertido ser um artista do que um filósofo (Murdoch, 1999: 235) diz-nos ela, explicando que o segundo tem muito menos liberdade do que o primeiro. Em filosofia há uma necessidade de explicar, de expor e de convencer que cerceia a imaginação e que a disciplina, obrigando-a a obedecer a regras. O filósofo não faz ficção, expõe o real e problematiza-o. Não se trata de prescindir da imaginação mas antes de interditar o que é do domínio da fantasia pessoal. Os objectivos comuns que existem entre filosofia e literatura, nomeadamente a procura da verdade e o desejo de excelência, não impedem que se tracem caminhos diferentes para os seus cultores.

Destituído das aspirações formais que devem existir em todo o escritor, o

filósofo é eminentemente paciente, comprazendo-se em equacionar uma questão e em demorar-se nela. A aspiração ao diferente e ao novo, legítima e desejável nos escritores, não existe necessariamente nos filósofos. Neles deverá antes estar presente um retomar constante das mesmas questões, na sequência de uma tradição que lentamente vão construindo e desconstruindo. O filósofo é inevitavelmente repetitivo, trabalhando constantemente certos problemas até conseguir aproximar-se da verdade. Esse comprazimento demorado — “ A habilidade paciente e inexorável de nos mantermos com um problema ” (Murdoch, 1999: 232) — é bem evidente nas obras filosóficas de Iris Murdoch. A fidelidade a Platão é uma constante nos seus escritos, e é socorrendo-se dele que refuta algumas teses de grande impacto no séc. XX. Soluções éticas dadas pelos existencialismos, utilitarismos e pragmatismos são consideradas pobres ou redutoras por Murdoch. Confronta-as com conceitos platónicos, nomeadamente com o conceito de Bem. Este, segundo Iris, mantém uma total actualidade e um poder motivador nas nossas vidas.

Se nos lembrarmos do modo como Platão tratou os artistas, expulsando-os da cidade, a defesa deste filósofo por parte de quem preza acima de tudo a arte, poderia levantar problemas de consistência interna. Iris Murdoch entende que a arte é eminentemente informativa e libertadora, aproxima-a da moral e considera que só ela nos faz aceder ao âmago da realidade. Como conciliar tais teses com a crítica platónica aos artistas como fazedores de mitos?

Iris não foge à dificuldade mas encontra justificações para a rejeição platónica através de um determinado conceito de arte por ele posto em causa. De facto o filósofo grego, que ela considera o pai fundador de todo o pensamento ocidental, refere-se a uma arte entendida enquanto forma de poder e teme nela o apelo à fantasia que nos afasta da verdade. Platão criticou a arte como consolação privada, como estímulo para as fantasias do espectador. E Iris Murdoch considera que muitas vezes é essa a faceta que o público mais preza na arte, o que é altamente desviante da vocação da mesma. A boa arte, ou seja, a que não apela à fantasia mas trabalha em profundidade com a imaginação, permite-nos ultrapassar o pequeno mundo medíocre da subjectividade e ajuda-nos a ser tolerantes e generosos. Fá-lo de um modo mais acessível, levando mais gente à meta desejada. Os filósofos situam-se perante um determinado corpo de doutrina e para os acompanharmos é-nos preciso conhecer um determinado vocabulário e dominar certas teses. O terreno da filosofia é inevitavelmente o da abstracção e o da dificuldade. A sua atitude é anti-natural pois põe em causa crenças, hábitos e preconceitos bem arraigados nas pessoas. E é difícil convencê-las a colocarem-se no registo em que a filosofia opera.

O filósofo tem problemas para resolver enquanto que o artista inventa problemas. E joga com eles convidando o leitor a participar, de um modo quase lúdico, na fruição das palavras. Nisso consiste aquilo que Murdoch designa como sendo “ a ludicidade e mistificação da arte ” (Magee, 1989: 231).

### Iris filósofa

O conceito de filosofia defendido por esta autora implica um permanente retorno entre duas linhas de actuação: a elaboração de teorias e a consideração de factos simples e óbvios. Usámos como pano de fundo para este ponto duas obras de Iris Murdoch nas quais se encontram coligidos os seus artigos mais significativos em matéria de filosofia: *The Sovereignty of Good* e *Metaphysics as a Guide to Morals*. Destes escritos filosóficos seleccionámos três tópicos que nos pareceram particularmente relevantes: a importância da arte no aperfeiçoamento ético de cada um; a soberania do conceito de Bem sobre outros conceitos morais; a atenção como atitude filosófica e ética por excelência.

Tendo como ponto de referência Wittgenstein e a filosofia analítica inglesa, Iris Murdoch não se acomoda a modas e recusa grande parte do aparato filosófico dos seus contemporâneos. À maneira de Kant, que nos aconselha a filosofar com os outros filósofos ou mesmo contra eles (Kant, 1765-6: 308)<sup>3</sup>, Iris contesta o pragmatismo, o utilitarismo e o existencialismo dominantes e regressa a Platão. Com ele reaprende a falar das coisas usando metáforas. As metáforas foram criticadas pela filosofia analítica que as considerou enganadoras e perigosas. Iris recupera-as sustentando que elas são essenciais para dizer o que mais interessa aos homens — a capacidade de viver uma vida virtuosa e de progredir no que respeita à conduta moral.

A metáfora da visão é a que mais lhe interessa. A tarefa moral é essencialmente procurar ver as situações, com realismo, com justiça, sem distorções provocadas pela projecção do nosso eu egoísta. Há que transcender o eu próprio e ver a realidade, à maneira de Platão, como algo que é dado, que se nos revela depois de um esforço. Relembrando a ascense platónica na alegoria da caverna, insiste na atenção que devemos dar à Natureza. É pela contemplação da beleza, revelada quer no mundo real quer no mundo da arte, que podemos alcançar a ideia de Bem, o conceito unificador por excelência.

O tema da virtude mantém para esta autora toda a actualidade. E são as artes, especialmente a pintura e a literatura que nos dão o treino necessário para o amor da virtude pois a arte transcende as obsessões egoístas. A compreensão de uma forma de arte envolve o reconhecimento da hierarquia e da autoridade, uma autoridade à qual nos rendemos porque a reconhecemos nas coisas belas. A arte quando é excelente consegue mostrar-nos o real e a visão verdadeira provoca uma recta conduta.

Tal como em Platão, Murdoch advoga a beleza como ponto de partida mas diferentemente do filósofo não se circunscreve à beleza física. Os grandes artistas revelam os detalhes do mundo. Somos criaturas espirituais, atraídas pela excelência. A contemplação da arte e a sua fruição, são caminhos possíveis que nos permitem satisfazer esse impulso. Ética e estética cruzam-se; o bem e o belo identificam-se. Para os alcançar temos como ajuda o imaginário visual.

3 Note-se que a aproximação é feita por nós e não pela autora.

Em busca de conceitos unificadores, Iris releva o conceito de Bem e procura uma moral que se oriente para ele. O conceito de unidade é hoje muito contestado e a filósofa admite que a vida humana não possa ser entendida em função de um projecto unificador. Mas é o conceito de Bem que consegue dar alguma unidade a todas as virtudes. Há um desejo universal de sermos melhores, de aspirarmos à excelência. Esta não se identifica necessariamente com a razão ou com a liberdade mas com a própria ideia de perfeição, ou melhor, de aperfeiçoamento.

A ética que recebemos de Kant sobrevaloriza a razão. As normas morais que nos propõem dizem-lhe sempre respeito pois é moral aquilo que está de acordo com o imperativo da razão. O modelo pós kantiano que hoje domina e que tomou forma no existencialismo, behaviorismo e utilitarismo é apresentado pela autora com a metáfora do comprador (Murdoch, 1999: 9). Este entra na loja a saber exactamente o que quer comprar e avalia objectivamente os produtos que escolhe. Murdoch critica este modelo considerando-o implausível. De facto, a nossa acção não se processa como se perante o real tivéssemos uma atitude de exterioridade. A nossa vontade não pode ser autónoma nem se define por um acto (ou actos) de escolha. Há todo um sistema complexo e misterioso no interior do qual as nossas escolhas emergem. Estas processam-se mas importa sobretudo o tecido em que se inserem e que as determina, com uma espécie de necessidade. A acção ética pode não se concretizar em comportamentos, pode passar-se exclusivamente na mente de um sujeito sem se traduzir em actos voluntários. A moral não se situa exclusivamente no terreno da acção. A sobrevalorização da vontade feita pelos existencialistas tornou-a um conceito vazio e impediu a promoção de uma moral consistente. A proposta de Murdoch, revisitando Platão, é acreditar na realidade do Bem. A ideia — hoje largamente difundida — de que somos nós que o construímos é contestada pela autora que aqui se socorre não só de Platão mas do homem comum. Este tem consciência de que as coisas não estão todas ao mesmo nível, de que não somos nós que criamos os valores e de que há um certo carácter misterioso que nos liga ao Bem. O Bem é irrepresentável e indefinível mas constitui-se como uma espécie de centro magnético que polariza muitas linhas. A sua visibilidade concretiza-se em certas metáforas e em determinadas áreas da experiência humana. O amor é uma delas. Ele é o conceito que mais perto está do conceito de Bem.

O amor é o nome geral que se dá à capacidade de afecto, à atenção ao outro. A sua existência é o sinal de que somos criaturas espirituais atraídas pela excelência. O homem humilde, que serve o outro e que está atento, tal como o artista, encontra-se próximo do Bem. O agente moral activo é possuidor dessa atenção, que é um olhar amoroso orientado para uma realidade individual. A atenção é o enfoque do pensamento em algo que constitui uma fonte de energia. É importante que a atenção seja dada a objectos que nos engrandecem. A oração, essa forma de atenção amorosa a Deus, é relevada por Murdoch como significativa da excelência humana (Murdoch, 1999: 55). Contrariamente aos seus colegas analíticos que identificam a pessoa com a vontade e que dão relevo às metáforas do movimento, mais do que às da visão, Murdoch valoriza o homem inserido no mundo. Só podemos escolher dentro de um mundo que conseguimos ver, e vemo-lo se estamos atentos. A atenção é esse esforço deliberado para ver, corrigindo as primeiras impressões e

ultrapassando os preconceitos. Tal como Simone Weil, em quem se inspira para o conceito de atenção, Murdoch admite que a bondade é obediência, mais do que resolução. O homem que vê é como que obrigado a escolher aquilo que se lhe impõe como o melhor. O artista percebe esta noção de vontade como obediência ao real. É por isso que arte e moral são dois aspectos de uma mesma luta em prol de uma "atenção desprendida perante a natureza" (Murdoch, 1999: 41). O bem é a atenção para com os indivíduos, é a obediência à realidade como um exercício de amor. Bem, realidade e amor estão intimamente ligados.

### Iris escritora

Paralelamente à sua actividade filosófica, Iris Murdoch foi construindo uma carreira de romancista e foi sobretudo nessa área que se tornou célebre, sendo considerada uma das grandes escritoras do século XX.

Enquanto arte, a literatura concretiza o desejo de dar forma a um mundo informe, usando como desafio as palavras. Nisto há alguma proximidade com a filosofia só que a arte é do domínio da ficção e a sua liberdade é muito maior, quer na forma quer no conteúdo. É uma actividade de entretenimento, que não deixa de ser educativa pois nos ajuda a perceber melhor a condição humana: "(...) o mais essencial e fundamental aspecto da cultura é o estudo da literatura, visto que ela é uma educação relativamente ao modo como retratamos e compreendemos as situações humanas." ((Murdoch, 1999: 34). O artista pode ter uma função social na medida em que ajuda os outros a ver as coisas de uma outra maneira, mas não é seu objectivo fazê-lo, devendo tanto quanto possível estar liberto de qualquer objectivo social e/ou político. Para Iris Murdoch o escritor é sempre moralmente activo e os seus juízos morais constituem a atmosfera que o leitor respira. Não porque retrate o mundo à sua imagem mas porque consegue, melhor do que ninguém, ver aquilo que fica oculto à maioria. E apresenta-o na concreticidade de situações ficcionadas, desvelando modos de habitar o mundo que nos ajudam a conhecê-lo melhor.

Na impossibilidade de abordar a totalidade dos romances da autora, seleccionámos três dos quais particularmente gostámos: *The Bell*; *A Fairly Honourable Defeat*; *Nuns and Soldiers*. Distanciados no tempo e no percurso literário de Iris, há neles constantes que permitem fazer a ponte entre a filósofa e a romancista, nomeadamente no papel central que nele desempenham a Natureza e a Arte, a importância redentora do Amor, a atenção ao Outro naquilo que tem de absolutamente único e diferente.

*The Bell* é um dos primeiros romances de I. M. A acção decorre numa comunidade, Imber, situada junto de uma abadia anglicana de freiras beneditinas. No lago que circunda a abadia está submerso, há séculos, um sino. O carácter simbólico desse sino é patente ao longo do romance, que culminará com a sua emersão do lago, acompanhado com uma explosão de afectos até então latentes, sublinhando os encontros e desencontros entre os diferentes personagens.

Embora não haja intenções de mostrar ou demonstrar qualquer teoria filosófica o clima do livro é fortemente atravessado por dramas e conflitos existenciais. Os personagens vivem dilemas éticos e ontológicos, essencialmente ligados à procura da identidade própria, do lugar no mundo e mesmo da salvação. Mas se a apresentação dos dramas é de certo modo intemporal, retratando a condição humana, o contexto em que decorrem é fortemente representativo da mundividência britânica do pós guerra. Trata-se de um grupo de pessoas desajustadas, que, cada uma à sua maneira, procura a paz interior que a vida social lhe roubou. Fazem-no alheando-se do mundo e organizando-se em comunidade, com regras estabelecidas democraticamente. Quase todos eles têm ou tiveram ligações com a Igreja anglicana, quer pela frequência de colégios religiosos, quer pelo desempenho de funções de liderança em instituições eclesiais, quer por trabalhos de investigação sobre temas ligados à arte sacra.

Michael Meade é a chave do romance. Homossexual dividido entre uma vocação religiosa e a recordação de casos amorosos passados, obceca-o a figura de Nick, seu ex-aluno e sua grande paixão. As preocupações e dilemas de Michael, proprietário do terreno onde a comunidade se acolhe e fundador da mesma, constituem o fio condutor da história, na qual se encaixam os outros personagens. De entre estes há alguns que são meros figurantes, como que a preencher o necessário elenco. Mas há outros mais pregnantes: Dora, uma mulher desajustada, mal consigo mesma e com o papel que à força a sociedade pretende que desempenhe; Toby, o adolescente típico dos anos cinquenta, surpreendido e confuso com a descoberta da homossexualidade de Michael, a que de certo modo corresponde. James, mentor de Toby, a quem este irá recorrer num estado extremo de confusão. Nick o demónio e sua irmã gémea Catherine, misteriosa, secreta e complexa.

São estes os personagens com que Iris Murdoch constrói um enredo de luta e de conflitos, de procura dolorosa de um encontro pessoal consigo mesmo, de um desejo de ser feliz, ou melhor, de salvação. Exceptuando Dora, cada um dos intervenientes tem uma personalidade complexa e exigente, ciente dos seus deveres perante a sociedade e perante Deus. Mas em todos eles há um silêncio ou vazio de Deus, mesmo quando rezam, ou lêem textos sagrados, ou procuram viver no despojamento próprio dos primeiros cristãos

No romance *A Fairly Honourable Defeat* há um trabalho ético que se faz a partir de situações e de personagens. É um livro que revela muitas preocupações da época (os anos setenta) e que retoma alguns dos temas dominantes no pensamento de Iris, nomeadamente no que respeita ao bem, aos critérios que o definem, ao relacionamento entre as pessoas, à fronteira ténue entre o dever e o desejo, à consciência moral. Há um casal de meia idade, Rupert e Hilda, com uma relação ética e emocional aparentemente estável. Rupert é professor universitário e está a escrever um livro sobre o conceito de bem e sobre preceitos morais. Hilda, sua mulher, pensa-se inferior ao marido em termos intelectuais e éticos. O romance inicia-se com o festejo de vinte anos de um casamento feliz, ensombrado por algumas notas mais negativas, nomeadamente a do filho Peter, um adolescente desorientado que abandona os estudos e sai de casa dos pais.

Como reverso deste relacionamento aparentemente maduro e equilibrado

temos o casal Morgan / Tallis. Morgan, irmã de Hilda, é intelectual, inteligente, criativa, e profundamente instável. Ao casamento com Tallis, um filantropo bem intencionado que se dispersa em projectos sociais e políticos irrealistas, sucedeu-se uma aventura amorosa, mal sucedida, com Julius. Investigador de ponta no domínio da genética, Julius será determinante para o desenrolar do enredo e para o desfecho dramático da história. Por último temos um casal de homossexuais, um dos quais é irmão de Rupert e outro seu colega.

Um jogo de Julius faz ruir a trama relacional que nos foi primitivamente dada a conhecer. Uma troca forjada de cartas amorosas põe em causa a estabilidade desta teia, mostrando a fragilidade das relações, dos ideais e dos valores. A hecatombe que ocorre neste grupo de amigos faz-nos perceber como é ténue a linha que separa o homem virtuoso do patife, consciencializando-nos da precariedade dos compromissos, da falsidade de certos ideais, do fariseísmo de certos propósitos. Tudo isto nos é dado num relato sumamente interessante pela densidade e autenticidade das personagens, pela verosimilhança das situações descritas, pelo apertar crescente da intensidade dos afectos, pelo fazer e refazer de um tecido passionai.

Entre os encontros e desencontros, as aproximações e as zangas, perpassam problemas éticos e existenciais, para os quais não há resposta directa mas que ficam em aberto, como se I. Murdoch sentisse pudor em misturar registos.

Não é um romance filosófico mas é um romance perpassado de filosofia — ela está presente na conversa entre Julius o céptico e Rupert o idealista. Está presente no livro que Rupert escreve e que é destruído num ápice por Peter, no clímax seguido à descoberta de um relacionamento proibido. Está presente no dilema concreto vivido por Tallis entre dizer ou não a verdade a um pai moribundo. Está presente nos argumentos, na atmosfera, no vocabulário, no diálogo. Mas tal como Rupert se nega a ser um moralista e a apontar caminhos, também Murdoch se escusa a enunciar uma tese, à maneira de Sartre, fazendo dos personagens peões para melhor veicular as suas ideias. Estes apresentam as contradições dos seres reais e como tal escapam-lhe. Daí uma certa perplexidade que o livro poderá provocar, pois numa primeira abordagem poderá parecer contrário às teses da autora quanto ao poder do amor. De facto a ideia com que ficamos é a de que o amor não é necessariamente a cura de todos os males, que ele não é intrinsecamente bom e que há coisas muito más que se fazem por amor. É verdade que Morgan defende a beleza e a bondade do universo mas a leviandade e inconsistência do seu comportamento bem como o da maioria dos personagens, parece dar mais razão a Peter, para quem “ tudo está contaminado, e cheio de lama, e sórdido, e viscoso e partido” (Murdoch, 1970: 189). O que mais uma vez nos mostra a coerência de Iris Murdoch, para quem a literatura não tem que servir a filosofia. Como diz na já citada entrevista a Brian Magee, os seus personagens podem falar de filosofia porque a sua autora se move nesse universo. Mas tal não significa que eles sejam veículo das teses por ela defendidas. Embora seja por demais patente a consideração de uma natureza humana dinâmica, mais obscura e menos consciente do que aquela que os analíticos desejam.

Em *Nuns and Soldiers*, tal como nos outros romances de que falámos, o tema central é o amor. Há uma teia de personagens que se ligam entre si por relações afectivas fortes, as mais das vezes desencontradas. A morte abre o livro — Guy

Openshaw, muito doente, divaga sobre Wittgenstein na presença do seu amigo polaco, Peter. O enredo desenrola-se entre a morte e a redenção, num imbricado de afectos onde a amizade e o amor dominam. Em volta de Guy e de sua mulher Gertrude, circula um conjunto de pessoas — *les cousins et les tantes*. São uma espécie de clientes / parasitas que encontram em Guy alguém que lhes resolve vários tipos de problemas — sociais, monetários, afectivos. Fora desse circuito movido essencialmente pelo desejo e pelo interesse, dois pilares determinantes no enredo — Anne Cavidge, a amiga de longa data de Gertrude, e Peter, conhecido por Conde neste pequeno círculo social. Anne, ex freira, entra na história quando sai do convento. A doença terminal e a morte de Guy dão-lhe um lugar no coração de Gertrude. A personalidade de Anne é forte mas a sua atitude é de permanente busca e indecisão. O Deus que abandonou continua a marcá-la e a orientar todos os passos da sua vida, embora tenha perdido o rosto e se manifeste essencialmente como exigência de verdade.

O carácter de Peter, o mais sereno e doce das personagens, é marcado pelo signo do transitório. Exilado polaco e soldado imaginário, os seus interesses centram-se no casal Guy/ Gertrude no qual encontrou de certo modo uma pátria e uma família. A morte de Guy modifica o jogo dos afectos. O amor do Conde por Gertrude parece então poder concretizar-se mas o imponderável acontece na figura de Tim Reede, um pintor sem emprego, sem casa e sem família, que a generosidade de Guy fizera integrar no seu círculo de amigos. Surpreendentemente é ele que recebe os favores da viúva. E aparece uma outra forma de amor, entre ele e Gertrude, um amor sensual e avassalador, contra toda a lógica, escandalizando *les cousins et les tantes* e surpreendendo os próprios amantes pela sua intensidade e violência. No entanto, é esse amor que triunfa e é em redor dele que se refazem as teias. Peter acabará por integrar-se, mantendo uma “amitié amoureuse” com Gertrude. Anne, a mais forte, é a mais atingida. O seu (nunca revelado) amor por Peter não se adapta a formas sociáveis de relacionamento. É ela quem abandona a cena e se retira. Contudo, talvez seja ela quem mais fielmente encarna o amor que todos procuram, concretizando-o no serviço dos outros. É um romance em que não há conflito com as teses filosóficas da autora — o amor, nas suas várias manifestações, triunfa sempre.

Iris Murdoch trata desigualmente o amor pois nem todas as suas formas se equivalem, nem todas são igualmente boas. Há amores que degradam e aviltam, como o de Michael por Nick em *The Bell*; outros que levam à loucura e à destruição como o de Catherine por Michael no mesmo romance; há amores destrutivos, assentes na mentira e no jogo como o de Rupert e Morgan em *A Fairly Honourable Defeat*. Mas paralelamente e entrecruzando-se com eles há amores que fazem crescer mas que magoam como o de Peter por Morgan, sua tia; ou os que são inabaláveis e resistem à traição e ao sofrimento como o de Tallis por Morgan. Tal como na vida, o conhecimento que vamos tendo dos personagens é dado através da sua capacidade de amar. Porque embora Iris Murdoch pretenda separar as águas, há um conceito ético que habita todas as suas obras, sejam elas filosóficas ou literárias — o indivíduo, a quem devemos estar atentos e que só é susceptível de ser conhecido por amor.

No amor presente nos romances de que falámos, a arte e a natureza intervêm, determinando a narrativa. O pano de fundo é um ambiente culturalmente sofisticado, de personagens representativos de uma alta burguesia instruída, com gostos e hábitos bem definidos. A vida londrina dos anos setenta e oitenta é reconstituída tal como é vivida por uma classe média com pretensões culturais. E nela a arte, nomeadamente a pintura, desempenha um papel relevante. É assim que, em *Nuns and Soldiers*, a National Gallery é o lugar de encontro de Tim e Gertrude, fornecendo o imaginário que habita os sonhos e "rêveries" de Tim. A pusilanimidade deste apresenta-se a par da sua mediocridade artística. Tim sabe-se mau pintor e reconhece-se também moralmente fraco, como se entre ambos os factos inevitavelmente se estabelecesse uma relação directa. Também em *The Bell* a arte está presente em Dora, a estudante da *Slade School*, bem como em Paul, seu marido, colecionador e erudito.

A Natureza cataliza as paixões, revela sentimentos, precipita a atracção mútua. É na contemplação da Natureza que os amantes se descobrem, mesmo que a sublimidade da paisagem os embriague momentaneamente, levando-os ao engano. A água, apresentada em múltiplas formas — mar, piscinas, rios, lagos, canais — faz eclodir paixões: é num lago que Dora e Toby descobrem a sua mútua atracção e que realizam o feito extraordinário de retirar das águas o sino submerso; é na piscina que Hilda encontra Rupert morto; é no mar que Anne, prestes a afogar-se, é salva por Gertrude; é num canal que Tim por duas vezes quase morre renascendo depois para uma nova vida.

É verdade que a filosofia está presente mas o seu aparecimento é episódico e fugaz, como se constituísse um mero passatempo. Em *A Fairly Honourable Defeat* Rupert escreve um livro de Ética. Em *Nuns and Soldiers* Guy cita Wittgenstein e argumenta com o Conde. Há vagas referências a Kant em *The Bell*. No entanto, a vida tem sempre mais força do que qualquer especulação.

A literatura ficciona a vida. Daí o seu carácter redentor. Daí a prevalência que Iris Murdoch lhe dá sobre a filosofia. O que a leva a dizer (Murdoch, 1999: 76) "Para a salvação, tanto a colectiva quanto a individual da raça humana, a arte é sem dúvida mais importante do que a filosofia e a literatura é o mais importante de tudo".

### Referências bibliográficas

- Bailey, John (1998), *Iris. A Memoire of Iris Murdoch*, Londres, Duckworth.  
 Bailey, John (1999), *Iris and the Friends*, Londres, Duckworth.  
 Bailey, John (1999), *Iris and Iris & the Friends*, Londres, Duckworth.  
 Bailey, John (2001), *Widowers House*, Londres, Duckworth.  
 Conradi, Peter (2001), *Iris Murdoch: A Life*, Londres, Harper Collins.  
 Kant, *Nachricht von der Einrichtung Seiner Vorlesung in dem Winterhalbenjahre von 1765-1766*, Ak II.  
 Magee, Brian (1989), *Men of Ideas, Some Creators of Contemporary Philosophy*, Oxford, Oxford University Press.

- Murdoch, Iris (1958), *The Bell*, Londres, Chatto & Windus.  
 Murdoch, Iris (1970), *A Fairly Honourable Defeat*, Londres, Chatto & Windus.  
 Murdoch, Iris (1980), *Nuns and Soldiers*, Londres, Chatto & Windus.  
 Murdoch, Iris (1992), *Metaphysics as a Guide to Morals*, Londres, Chatto & Windus.  
 Murdoch, Iris (1999), *The Sovereignty of Good*, Londres, Routledge.

Maria Luísa Araújo de Oliveira Monteiro Ribeiro Ferreira é professora associada de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Áreas de investigação: Filosofia Moderna, Didáctica da Filosofia, Filosofia da Natureza e do Ambiente, Filosofia no Feminino. Tem publicado muitos artigos sobre estes temas em revistas de especialidade. De 1998 a 2003 foi coordenadora do projecto *Uma Filosofia no Feminino*, no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, no âmbito do qual coordenou os seguintes volumes: *O que os Filósofos pensam sobre as Mulheres*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1998; *Pensar no Feminino*, Lisboa Colibri, 2001; *Também há mulheres filósofas*, Lisboa Caminho, 2001; *As Teias que as Mulheres Tecem*, Lisboa, Colibri, 2003; Com Fernanda Henriques, *Representações sobre o Feminino* (n.º1 da Revista *ex aequo*, revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre Mulheres, APEM), Lisboa, Celta Editora, 1999; Com Adelino Cardoso, *Medicina dos Afectos. Correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boémia*, Lisboa, Celta, 2001; Tem outros livros publicados no âmbito da Filosofia Moderna, como: *A Dinâmica da Razão na Filosofia de Espinosa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997; *Razão e Paixão. O Percurso de um Curso*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2002; *Uma Suprema Alegria. Escritos sobre Espinosa*, Coimbra, Quarteto, 2003.